

NOTA EDITORIAL

Chega ao público mais um número da Revista *Metamorfozes*, dedicada aos estudos das literaturas de Língua Portuguesa. Pesquisadores do Brasil e do exterior concorrem para a qualidade desta edição, cujo Dossiê privilegia a produção contística em Portugal, nos séculos XX e XXI.

Não direi muito desse Dossiê, pelos professores Silvie Špánková, professora de Literatura Portuguesa da Universidade Masaryk de Brno, República Checa, e pelo professor Marcelo Pacheco Soares, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Coube à Professora Silvie a apresentação desse conjunto de ensaios, texto a que deu o título de “Rumos do conto português contemporâneo”, em que não só nos oferece caminhos para a leitura e o conhecimento das formas breves, que nem sempre lograram alcançar o status que deveriam, não pela inegável alta qualidade do que se publicou e publica ainda em Portugal, mas porque, a despeito da celeridade dos tempos atuais, as pessoas ainda valorizam mais o romance. Também nos apresenta cada um dos estudos aqui publicados, chamando a atenção para aquilo que, em cada um, se mostra efetivamente relevante.

Preenchem a segunda seção da revista outros ensaios que não necessariamente se referem à contística, mas que se dedicam ao estudo das literaturas Portuguesa, Brasileira e às Africanas de Língua Portuguesa. Nesta seção, a Literatura Portuguesa é contemplada por dois ensaios. O primeiro, da autoria de Fábio Mário da Silva, enfoca uma peça teatral e um romance de folhetim de Ana Plácido, ambos inacabados e publicados respectivamente em 1865 e 1868, em periódicos da época, sob o pseudônimo de Gastão Vidal de Negreiros: nesse ensaio, o autor nos apresenta aspectos relevantes dos dois textos e nos aponta “os caminhos que Plácido toma para dar destaque às mulheres, que são protagonistas e dão títulos às duas obras”. O outro ensaio, de autoria Marlon Augusto Barbosa, intitula-se *O surrealismo dum ocidental: leitura de um poema de Mário Cesariny*. No ensaio, o estudioso aborda o poema “Corpo Visível”, de Mário Cesariny de Vasconcelos, publicado em 1950. Em sua abordagem, que tece algumas

reflexões consideradas “necessárias para o entendimento da produção poética” de Cesariny, pretende, a partir de uma “leitura cerrada do poema”, verificar que corpo (ou que *corpus*) se torna legível no poema. No que se refere à Literatura Brasileira, Anélia Montechiari Pietrani e Christina Ramalho assinam o artigo “*Jocasta*” e “*Fedra*” de Leda Miranda Hühne: *imagens míticas e resistência*. Sua perspectiva de leitura assenta em pressupostos que permitem “dois recortes”, o “mitocrítico” e o “sociocrítico”, fundamentados em estudos de teóricos e críticos consagrados. Nessa dupla perspectiva, propõem a leitura dos contos de Hühne, explorando “as relações entre a proposição, desde os títulos, de uma recuperação de imagens míticas clássicas de mulheres e o contexto contemporâneo das marcações de espaço e tempo presentes nos dois contos”, bem como, da segunda perspectiva, “evidenciar como Hühne se apropria do repertório mítico clássico para bordar seu próprio discurso de resistência”. Eliel Januario de Moraes, no artigo intitulado “Ungulani Ba Ka Khosa e o fim dos mundos em *Orgia dos loucos*”, enfoca essa obra do reconhecido romancista moçambicano, que se propõe a reescrever a história de Moçambique ao se debruçar sobre “as vozes esquecidas do pós-Independência de seu país”. Thiago Cavalcante Jeronimo e Aurora Gedra Ruiz Alvarez, fundamentados no conceito de dialogismo, tal como nos apresenta Bakhtin, investigam como na poética de José Eduardo Agualusa, escritor angolano, especificamente no conto intitulado “Se nada mais der certo, leia Clarice”, se constrói um processo intertextual, que, para mais, ainda verifica como se dá o “refratamento e/ou realocamento da esfera religiosa posta em tensão na narrativa”. Helder Thiago Cordeiro Maia e Mário César Lugarinho assinam o artigo intitulado *Entre as guerras angolanas e a invenção do mundo: Gênero e sexualidade de Nzinga Mbandi na literatura angolana*, em que fundamentados em estudo de Inocência Mata, de 2008, reconhecem que a narrativa literária angolana em torno de Nzinga Mbandi se estabelece a partir de três diferentes perspectivas: colonial, nacionalista e anticolonial, e pós-colonial. Conforme essas perspectivas, é possível afirmar “que a performatividade de gênero e o exercício da sua sexualidade foram narrados a partir dos diferentes interesses estético-políticos dos textos”. Assim fundamentado, o artigo se debruça sobre vários textos de escritores já consagrados, visando a investigar como o gênero e a sexualidade da famosa Ngola é explorado e modulado tanto pelas narrativas do colonialismo, quanto pelas narrativas nacionais e anticoloniais, e pelas narrativas pós-coloniais.

Na Seniana, Pedro Fernandes de Oliveira Neto discorre sobre o romance *Sinais de Fogo*, “a única incursão de Jorge de Sena pela prosa romanesca”. A leitura proposta pelo ensaísta envereda na obra do autor por três linhas específicas: “a descoberta do amor e do erotismo, a descoberta de si e do outro e a descoberta da história e suas implicações nas realidades individuais e coletivas.”

Ler e Depois nos traz a oportunidade de conhecer obras recentemente publicadas no âmbito das literaturas de língua portuguesa. Marcelo Pacheco Soares nos apresenta o livro de Maria João Cantinho, intitulado *Asas de Saturno*, publicado em 2020, que trata do tema da depressão, “coincidindo com o princípio do episódio conhecido de todos, marco inicial de um período de implicações históricas que, é provável, associará em definitivo nosso tempo com a

taciturnidade”. Guilherme Rezende Machado nos apresenta o livro *CineGrafias Moçambicanas: memórias & crônicas & ensaios*, organizado por Carmen Tindó Secco, Ana Mafalda Leite e Luís Carlos Patraquim, publicado em 2019 pela Editora Kapulana, que trata, em entrevistas e ensaios, do limite que se estabelece entre o cinema documentário e o cinema de ficção. Pela leitura de Julia Goulart, nos chega a obra de Elena Brugioni - *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*, cujo objetivo é, ao comparar as diversas literaturas africanas, “repensar a recepção crítica desses textos pelo corpo acadêmico e intelectual ocidental e demonstrar a contribuição destes para a recriação de novos paradigmas epistemológicos existentes nas ciências humanas”. Tania Celestino de Macêdo concentra a sua análise na recente publicação do livro *O campo literário moçambicano. Tradução do espaço e formas de insílio*, de autoria do professor e pesquisador Nazir Can. Para ela é “uma das mais importantes reflexões sobre o projeto da literatura moçambicana contemporânea publicado no Brasil.”

A. Jona Laisse, por sua vez, nos traz uma resenha crítica sobre duas obras de Álvaro Taruma, jovem escritor moçambicano: *Para uma cartografia da noite* e *Matéria para um grito*, em que se verifica a crítica “à perda de valores morais, a morte e à má governação do país, temáticas centrais dessas duas obras”. Por fim, Rafael Santana nos apresenta o livro de poemas *Gatos*, escrito a quatro mãos, por Roseana Murray e Willian Amorim, que nos incita “à surpresa da descoberta de um pouco mais de nós mesmos no enfrentamento dos nossos gatos de linguagem”.

Esta é a revista que lhes oferecemos. Caracterizam-na a seriedade do trabalho de pesquisa, a sensibilidade demonstrada pelos autores na consideração do texto literário e a leitura competente desses textos, que certamente em muito contribuem para o conhecimento e para novos estudos das literaturas de língua portuguesa. A todos, uma excelente leitura.

Luci Ruas